

# A PEREGRINAÇÃO DO CORPO E DA CONSCIÊNCIA NOS MARES DE FERNÃO MENDES PINTO

THE PEREGRINATION OF BODY AND CONSCIOUSNESS OVER THE  
SEAS AS EXPERIENCED BY FERNÃO MENDES PINTO

Glória Alinho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Segundo o ensaísta Eduardo Lourenço, Fernão Mendes Pinto atravessa a designada *aventura do mar*, no século dezesseis, com a totalidade do seu ser. A exemplaridade desta vivência, numa infinidade de espaços, essencialmente pelo Oriente, deu lugar a uma escrita singular e autobiográfica ancorada num duplo compromisso: o de uma consciência coletiva (religiosa, política, económica) e o de uma consciência individual que perscruta um mar múltiplo e habitado por inúmeros pontos de vista para além do português. Esta leitura da *Peregrinação* questiona a maneira como a experiência do mar conduz um homem ao extremo da sua geografia mental e física e o impacto que isso provoca na sua escrita. Este artigo desenvolve-se a partir de três momentos: num primeiro, através da análise das singularidades da escrita de Fernão Mendes Pinto; num segundo, através das múltiplas experiências físicas que orientam vários pontos de vista a partir dos quais se desvenda o mundo e, por último, a consideração da subjetividade que conduz a narrativa até várias verdades que aparentam este *mar português* a um corpo sensível no qual se cruzam múltiplas linguagens e imaginários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernão Mendes Pinto; Literatura de viagens; Expansão marítima portuguesa; Experiência literária do mar.

**ABSTRACT:** *The seafaring vagrancy of the sixteenth century Portuguese writer Fernão Mendes Pinto took place at a particular moment in the expansion of the Portuguese empire. Peregrinations shed light on the ambivalence of a man who is fully committed to the discovery of an unknown world, but whose point of view also reveals the individual and uncertain destiny of a body subjected to strong emotions and physical challenges. Fernão Mendes Pinto's experience of writing results from a singular and collective approach to the Other, in a vast, unknown Oriental space. Indeed, he describes his experience of diplomatic, religious, social, political and economic responsibilities, and demonstrates a deep awareness of suffering and profound vision of freedom. His organic eye embraces many ambiguous aspects of the Portuguese empire and gives a bodily dimension to human experience of the sea.*

**KEYWORDS:** *Fernão Mendes Pinto; Portuguese empire; Travel literature; Literary experience of the sea.*

1 Glória Alinho é Investigadora afiliada ao Centro de Pesquisa AMERIBER, Université Bordeaux Montaigne (França). Tem experiência de ensino na área da literatura portuguesa e das literaturas africanas de expressão portuguesa assim como em cultura lusófona (Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa). Neste momento trabalha sobre o cinema documental e sobre o diálogo entre a medicina e as várias expressões artísticas em torno da doença mental. gloria.dos-santos@u-bordeaux-montaigne.fr

Aquilo que se chamou a *aventura do mar* do homem português e de cujo universo se foram construindo inúmeras interpretações na historiografia portuguesa produziu um *corpus sui generis* sobre uma experiência exemplar na história de Portugal. Um dos textos que ficou dessa exemplaridade e que apresenta, simultaneamente, características específicas, tanto no que diz respeito ao relato de uma experiência dos Descobrimentos como às particularidades formais da sua narrativa, é a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. O texto, escrito em Almada, no Pragal, após vinte e um anos de aventura, essencialmente, pelo Oriente, inicia-se com um narrador na primeira pessoa que fala dos destinos incertos e infelizes aos quais esteve sujeito nesse período. A particularidade de se apresentar como ator do seu próprio relato remete para uma imagem de corpo que Luís Filipe Barreto nos dá do próprio Portugal Renascentista e que descreve como sendo “o corpo esperançado e despeçado pelos quatro cantos do mundo, um instrumento de comunicação intercultural.” (1983, p. 53). O narrador da *Peregrinação* apresenta-se de facto como um corpo esperançado que parte com a ilusão de fugir aos infortúnios da vida (com os quais fora confrontado, logo em Lisboa) e de enriquecer pelas terras do Oriente. Na verdade, acaba atravessando o tempo e o espaço – o mar e os lugares para onde este o leva – na incerteza extrema do seu devir. A sua vagabundagem pelo mar realiza-se ao sabor de diferentes vontades, ventos e marés, pois vai-se multiplicar numa infinidade de propostas de índole diplomática, descobridora, mercantil, cristã, de pirataria entre outras, e que se movimenta com todos os paradoxos daquele que foi o *mar português* renascentista. Na verdade, é precisamente esse sentido paradoxal que revela o olhar mais orgânico do que crítico de Fernão Mendes Pinto (LOURENÇO, 1989, p. 1051). A *Peregrinação* é um texto que resulta do olhar de quem vê as coisas porque as experiencia e vive e, por isso mesmo, minado de contradições, apesar de lúcido.

Talvez seja através da escrita que este *corpo instrumento*, à mercê da incerteza do destino, procure respostas para tantas experiências de sofrimento. Eduardo Lourenço designa-o um *aventureiro-penitente* (1989, p. 1057) e poderíamos dizer que ambas, aventura e penitência, se prolongam através de uma escrita confessional e redentora que se sobrepõe às inúmeras dores vivenciadas. Neste sentido, ela produz também um escritor-penitente em cuja *Peregrinação* expõe a sua própria visão das coisas e com ela confessando e assumindo culpas próprias e coletivas. É neste duplo destino de homem, mas também de cristão português que atravessa uma temporalidade exemplar, ela também, do povo português. Fernão Mendes Pinto deixa Portugal e aí regressa vinte e um anos depois, por razões que permanecem enoveladas como as muitas *verdades* e *mentiras* às quais a crítica submeteu o seu texto.

Qualquer que seja a linha interpretativa escolhida para designar este narrador de sábio, de peregrino ou de penitente, sobressai quase sempre a ambígua duplidade marítima que remete para uma lógica de vida e de morte tanto desse corpo como do seu aventuroso périplo pelo mar. Se há uma verdade que parece “enovelada nos meandros de uma consciência” (LABORINHO, 2010/2011, p. 7), ela virá, provavelmente, dos infinitos mares que se foram criando para designar esse *mar português a posteriori*, como mar-heróico, mar-mágico, mar-trágico, mar-mistério ou mar-religioso. Estes mares atravessam o discurso social e cultural da identidade portuguesa e parecem estar todos presentes na *Peregrinação*, embora sempre ligados à corporeidade do narrador que os atravessa. A vivência exemplar do mar que este trabalho interroga é aquela que advém dos inúmeros riscos que levaram Fernão Mendes Pinto a aproximar-se dos extremos de si mesmo e que deles extrai interrogações que são fruto de uma consciência mais terrena que transcendente porque, como diz Eduardo Lourenço, Fernão Mendes Pinto é um homem de experiência (1989, p. 1062).

Estas considerações introduzem uma leitura do primeiro volume da *Peregrinação* que se estruturou em três fases: numa primeira, na qual se questiona a singularidade deste relato como expressão de uma experiência pessoal e física a partir da qual se desvenda o mundo. A subjetividade própria à experiência sensorial da viagem recria múltiplos eventos e aproxima o movimento da escrita como um movimento do vivido. Daí falarmos, numa segunda fase, de desejo e de aventura que se traduzem na descrição pormenorizada das emoções e sentimentos que as incertezas e infortúnios criam e cujo relato acentua também a dimensão aventureira da escrita ou faz dela um prolongamento daquela que foi aventura no mar. O carácter exemplar desta última provoca uma consciência de si, dos outros e do mundo que se traduzem no desejo e no efetivo acompanhamento de várias verdades nem sempre em equilíbrio, que se analisam numa terceira fase: a verdade vivenciada, a verdade política e a verdade religiosa. Este desequilíbrio instaura uma dialéctica entre consciência e corporeidade no interior do expansionismo português.

#### SINGULARIDADES DA PEREGRINAÇÃO: A EXPERIÊNCIA COMO REVELAÇÃO DO MUNDO

Segundo Christine Zurbach, o relato de Fernão Mendes Pinto inscreve-se num mundo em transformação cujo dinamismo dificilmente poderia ser posto em cena através da representação do tipo medieval. Anuncia, por essa razão, uma cultura nova, e revela

a importância atribuída à acção dramática, ao espectacular e ao movimento que traduz a vida, vinculado à variedade das figurações do real, que se sucedem, em constante mudança, tornando a apreensão e a compreensão do mundo tão ilusória e versátil que só o teatro, arte da ilusão e do artifício, o poderá exprimir. (ZURBACH, 1999, p. 148)

António José Saraiva (1961) já falara de *cenais teatrais* e, mais recentemente, João Maria André (2010/2011, p. 13) afirma que a *Peregrinação* atrai pela sua teatralidade porque convoca o olhar, o lugar, o diálogo, o cenário e a encenação e, acrescentaríamos, o corpo, como dispositivos teatrais. Não deixa, portanto, de ser interessante que estas *transfigurações do real*, como lhe chama Christine Zurbach, terem sido responsáveis pela complexa recepção do texto. Com efeito, como analisa Célia Carvalho, a *mentira* terá resultado do carácter inverosímil da história contada, pois esta escrita, apesar de se apresentar autobiográfica, revela, na sua construção, inúmeras contradições, tais como:

um projecto autobiográfico conduzido na terceira pessoa [...]; a substituição sinónímica de pronomes com implicações diegéticas tão importantes quanto a subjetividade absoluta do *eu*, o carácter plural do *nós*, ou a objectividade não-pessoal do *ele*; a quebra da gramaticalidade causa/efeito na construção das unidades mínimas narrativas. No entanto, não é por parecerem falsos (categoria literária) que os factos narrados não são verdadeiros (categoria histórica). (CARVALHO, 1999, p. 50)

O projeto autobiográfico, tal como as qualidades próprias à expressão teatral, problematiza o texto assim como as imagens que veicula. É do movimento que este projeto instaura pela forma como assume tanto um discurso pessoal como uma distância crítica que Rebecca Catz se apoia para defender a ideia de que a *Peregrinação* é um texto satírico. A autora dedicou-lhe largos anos da sua pesquisa – publicada no início dos anos setenta, mas cuja tese continuou a defender (CATZ, 1989, p. 1046) –, produzindo uma larga soma de argumentos que defendem que nesta obra se utilizam todos os recursos da sátira para criticar e denunciar as contradições do expansionismo português. Rebecca Catz define-a como sendo uma profunda reflexão filosófica, moral e religiosa e que o impulso satírico que a anima é dirigido contra “a ideologia de cruzada que foi a maior força unificadora da história de Portugal” (1989, p. 1033). Maria Alzira Seixo – que orienta um trabalho científico com vários investigadores aquando da comemoração dos Descobrimientos portugueses nos anos 90 do século vinte – trabalha instrumentos teóricos que corroboram a hipótese de que a *Peregrinação* apresenta características do romance, tal como fora defendido, nos anos quarenta, por Georges Le Gentil (1947, p. 7). Quer o texto apresente marcas da autobiografia, do teatro, da sátira ou do romance, o facto é que a *Peregrinação* se apoia nas impressões de emoções,

sentimentos e na forma como o seu autor se implica numa percepção subjetiva das paisagens e nos novos mundos que atravessa.

O que parece sobressair de todas estas posturas é a interrogação, no interior do relato, do processo da escrita e da sua legitimação. Abre com a metáfora da escrita como visão que anuncia o desejo de materializar as imagens que os seus olhos viram, os trabalhos pelos quais o seu corpo passou, as marcas que lhe ficaram dos infortúnios que o seu corpo vivenciou: “os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram” (MENDES PINTO, 1989, p. 1). Este desabafo introdutório dá uma dimensão física e, simultaneamente, abstracta ao próprio ato de escrever, pois vem transformar a experiência concreta em património histórico e familiar. O desejo da escrita anuncia o da transcendência do corpo como processo de legitimação do sofrimento à qual esteve exposto. A desmultiplicação dessa identidade física – enquanto objecto comercial e de comunicação – *encena* a singularidade da sua experiência. Esta revela uma distância voluntária que lhe vai permitir assumir pontos de vista, eleger certas ocorrências e fazer escolhas numa infinidade de experiências e lugares que caracterizam a sua vagabundagem no mundo. Como diz Maria Alzira Seixo: “A *Peregrinação* manifesta já uma consciência intervalar da viagem em relação ao seu significado na existência humana (o herói viaja sem querer, é interveniente distanciado da sua narrativa, e redige-a como uma série de articuladas aventuras)” (SEIXO, 1999, p. 201).

A partir desta distância, ser-lhe-á possível posicionar-se não só como observador, mas também como ator desse mesmo mundo e logo capaz de juízos de valor sobre ele porque o vivencia. Fernão Mendes Pinto anuncia, antes de mais, as vezes em que esteve cativo, em que foi escravo e vendido, dando, assim, uma importância à errância do seu próprio corpo. Antes mesmo de revelar o mundo pelo qual andou, traça uma cartografia dos infortúnios pelos quais passou, colocando o trabalho de escrita na esfera do íntimo e do individual e revelando uma consciência da dimensão física da viagem e da vida. Se o relato de experiências nunca antes vividas e extremas apelava para a escrita dos viajantes tornados escritores, estes relatos colocam também a interrogação indireta da escrita que procura, antes de mais, ser um questionamento de si mesma e dessas experiências para as quais não se encontrou resposta. Christine Zurbach (1999, p. 145) diz ser esta escrita um caso exemplar desta concepção da literatura. Diríamos que poderia ser um caso exemplar da desmultiplicação do texto literário e da sua renovação, pois este passaria a ser relato de um mundo que, de tão admirável, só poderia criar uma escrita capaz de dar conta desse extremo desconhecido. Assim, tal como é defendido por vários autores, entre os quais Maria Alzira Seixo, a escrita de Fernão Mendes Pinto está contaminada pela estética do barroco na forma como apresenta aquilo que o mundo tem de novo,

de estranho, de deslumbrante e de inquietante. As contradições, os movimentos, as metamorfoses que constituem o movimento da narrativa dizem afinal uma só metamorfose: a de um corpo que experimenta a dilatação de várias fronteiras físicas, tanto geográficas como corporais. Neste sentido, talvez a escrita de Fernão Mendes Pinto ultrapasse mesmo essa estética, pois nela vimos, leitores modernos, uma forma de explicá-la como *autorrevelação*, como diz Mário Cláudio, pois “É uma obra que questiona o próprio ato da escrita.” (2010/2011, p. 14). Para este autor, não se trata de puros relatos de viagem, mas de uma viagem interior. Este *mar* que Fernão Mendes Pinto nos dá a ver, através das suas aventuras – como metáfora dos limites físicos e mentais do próprio homem –, provoca leituras que questionam a dilatação das fronteiras imaginárias do homem e, por essa razão, as do texto literário. Esta narrativa inicia-se com a declaração de que, apesar de tudo o que se vai descrever, não há nada que o homem, com a ajuda de Deus, não possa alcançar (MENDES PINTO, 1989, p. 2). São os impulsos da curiosidade e da vontade de ir sempre mais além que animam o texto e não apenas a procura do ganho económico.

Talvez a sua escrita exaustiva e excessiva venha mostrar-nos, através da forma como descreve as diferentes comunidades que encontra, esse desejo incontável que habita o homem de ir até ao infinito tanto das suas origens como do futuro que tem à sua frente. É neste sentido que podemos entender o desejo de António de Faria de se encontrar com os Gigaunhós. Embora estes sejam descritos como monstruosos e selvagens por Similau, a sua descoberta representa maior riqueza do que os tesouros da China:

Espantado António de Faria do muito que isto e de outras coisas o Similau lhe dizia, e muito mais destes gigaunhós e da disformidade dos seus corpos e membros, lhe rogou que trabalhasse todo o possível para lhe mostrar alguns deles, porque lhe afirmava que opzaria mais que se lhe desse todo o tesouro da China. (MENDES PINTO, 1989, p. 250)

## A AVENTURA DO MAR E O DESEJO DA ESCRITA

Se a escrita encena, desde o início, a ficção – na acepção moderna da palavra –, pois parece ser um caminho possível que se ajusta às motivações do ato de escrever, também se encena a matéria própria à mobilidade interiorizada pelo vivido. Assim, o narrador vai articulando o movimento contínuo da ação da escrita, em tudo o que ela tem de interrogação, de contradição e de incerteza, com essas mesmas características que definem a vida. Desses movimentos contínuos e contraditórios afloram inúmeras consciências: a do sofrimento (para quê?), a da escrita (herança para os filhos/um relato fiel do que os portugueses realmente passavam

no Oriente?), a do Outro (uma apreensão do mundo inferior/superior aos padrões europeus?), a do comportamento (cristão/não cristão) que dão um relevo à escrita como movimento para a incerteza e para o desconhecido da própria consciência. Neste sentido, trata-se da fusão entre uma vida de penitência e uma escrita penitente. Esta narrativa é extensa e extrema e procura dar conta, minuciosamente, dos corpos massacrados, das guerras, dos seus sofrimentos e das suas lágrimas. Ela transcende esses atos, dá-lhe a dimensão da deambulação cristã da existência e ultrapassa-a porque a coloca na interseção entre o que seria a *busca* na aceção medievista e a *viagem*, na aceção moderna. Assim, esta aventura é também a do romance, segundo Maria Alzira Seixo, pois ele é, justamente, movimento do percurso interior e exterior (1989, p. 1069).

A leitura proposta por Eduardo Lourenço considera a *Peregrinação* como um documento humano, pois o olhar que Fernão Mendes Pinto põe sobre a sociedade do seu tempo não é um olhar crítico, mas um olhar orgânico dessa sociedade sobre si mesma (1989, p. 1051). Esta leitura coloca a questão da subjetividade na medida em que o narrador nos mostra a verdade da sua memória e dos *mapas* subjetivos que ela foi construindo através do tempo e do espaço. Trata-se de uma escrita que prolonga a viagem porque continua a agir sobre a mesma, na medida em que nela se revelam as consciências de si e do Outro e a *peregrinação* do seu próprio ser. É neste sentido que o título é um indicador da expressão autobiográfica que veicula, muitas vezes, “uma interioridade densa de sensibilidade” (CARVALHO, 1999, p. 17).

Esta viagem é uma recriação no interior do ato de escrever e, por isso mesmo, o prolongar de uma *aventura com a escrita* e de uma *aventura com o Outro*. A componente presencial é, aliás, corroborada por grande parte da investigação sobre a *Peregrinação*, pois, embora “muitos dos eventos narrados pareçam inacreditáveis, a ordenação cronológica seja por demais confusa, existe consenso entre os investigadores: ‘Fernão Mendes Pinto viveu, realmente, muito daquilo que conta.’” (LOUREIRO, 2013, p. 18). Assim, nesta aventura se recriam os diálogos (alguns no discurso direto) entre várias figuras do relato (mesmo aqueles que se desenrolaram numa língua estrangeira) apontando para a descrição fiel daquilo que passou no extremo oposto do mundo conhecido. Esta recriação revela a possibilidade de uma consciência da palavra do Outro aquando do próprio ato da escrita:

E dando-nos eles as três vacas e o veado, e uma grande soma de acelgas, tornaram a dizer todos juntos, com voz alta e desentoada, outras muitas palavras a seu modo que me não lembram, mas que também se não entenderam. E depois de estarmos falando por acenos com eles e mais de três homens, pasmado nós de os vermos a eles, e eles de nos verem a nós, se tornaram a meter no mato. (MENDES PINTO, 1989, p. 253).

A aventura do mar torna-se também uma aventura da escrita. Escreve-se para se descobrir aquilo que está à volta da viagem e que com ela se relaciona. Quer se aborde o texto de um ponto de vista histórico ou literário, quer se encontre a veracidade ou a não veracidade das suas referências históricas e geográficas, a verdade é que a aventura, seja qual for a sua natureza, está sempre presente. Esta presença tem sido uma das matérias que mais tem provocado interrogações, mas que também mais tem levado a consensos nas diferentes abordagens críticas do universo de Fernão Mendes Pinto. Do ponto de vista de Georges Le Gentil ou de António José Saraiva ou, ainda, de Maria Alzira Seixo, relacionou-se essa dimensão aventurosa com o género literário que se viria a chamar romance. De uma certa maneira, esta caracterização acompanha os sentidos que a *Peregrinação* foi despertando e os debates que foi provocando sobre a veracidade das suas narrações. Como esclarece Maria Alzira Seixo, a narrativa, na sua origem fabular, está ligada “a uma noção de insólito ou de enigma que a justifica e a faz desenvolver; na articulação da narrativa com o romance entra a ideia essencial de aventura humana.” (1989, p. 1063). É desta última que se pode falar porque a *Peregrinação* explora o espaço do Homem, da sua palavra, do seu pensamento e da sua forma de ver o mundo. Tal como conclui Isabel Vila Maior: “Na *Peregrinação* a comunicação, gestual e vocal, define ontologicamente o Homem” (1999, p. 98). Assim, a figura do espaço, cuja importância foi fundamental para a produção do relato da viagem durante os Descobrimentos, não é apenas a do espaço físico, mas é também a aventura no espaço interior e no dilatar das suas fronteiras. Só essa aventura teria provocado a produção de um texto de tamanha envergadura, pois as interrogações que tem suscitado ao longo do tempo continuam a desafiar todas as tentativas de interpretação (LOUREIRO, 2013, p. 30).

## CAMINHOS DA CONSCIÊNCIA PARA O MAR PORTUGUÊS

Rebecca Catz destacou a importância da *Peregrinação* como um documento único para a história das ideias ocidentais. Esta singularidade, segundo a autora, separa Fernão Mendes Pinto dos seus contemporâneos, pois este revela uma “grande coragem, o discernimento e a perspicácia de pôr em dúvida a moralidade das conquistas ultramarinas, as quais ele condena como atos de bárbara pirataria, em ofensa a Deus.” (CATZ, 1989, p. 1033). Mendes Pinto teria tido consciência, antes de qualquer outro, de que a missão de conquistar era inspirada pela cobiça e mascarada pela hipocrisia. Ainda, segundo Rebecca Catz, essa consciência não é apenas a da individualidade de Fernão Mendes Pinto, mas a de um coletivo, que se alargava



aos portugueses, pois estes teriam tido a consciência de que “pecavam contra Deus, violando os seus mandamentos” (1989, p. 1033). Haveria, então, dois níveis de consciência: a do sujeito da enunciação – a persona da sátira para Rebecca Catz – e a consciência colectiva dos portugueses implicados. Sem entrarmos nas contradições que esta leitura tem provocado, interessa-nos a forma como ela mostra um nível de consciência que vem da palavra do Outro e com o qual o narrador se vai cruzando. Durante a viagem com António de Faria, após a busca desenfreada de Coja Acém e já na ilha de Calemplui, o ermitão Hiticou, que guarda um dos dezessete jazigos dos reis da China, aponta a contradição moral que existe no comportamento dos portugueses que invocam Deus ao mesmo tempo em que roubam a prata encontrada no jazigo: “– É certo que agora vejo o que nunca cuidei que visse nem ouvisse, maldade por natureza em virtude fingida, que é furtar e pregar. Grande deve ser a tua cegueira, pois confiado em boas palavras gastas a vida em tão más obras” (MENDES PINTO, 1989, p. 265).

Por sua vez, Eduardo Lourenço afirma que se há consciência ela revela-se, antes de mais, pela contradição. Neste sentido, não nos podemos apoiar num “hipotético julgamento do mundo cristão no espelho do Outro”, mas na contradição que existe na consciência cristã “entre a busca de um ‘reino de Deus’ de um império realmente celeste, e os celestes Impérios bem concretos que a vontade do poderio do Ocidente Cristão desejaria dominar” (1989, p. 1049). Nada nos pode garantir que não houvesse, numa consciência individual cristã da época, uma visão crítica e um julgamento interiorizado das suas ações. A consciência moral que Fernão Mendes Pinto demonstra (que esclarece com exemplos exaustivos) parece ultrapassar uma moralidade da esfera do religioso e ser fruto da experiência individual de um homem que interroga o seu próprio espanto perante o extremo do desconhecido. Assim, se compreende a descrição pormenorizada, rica e maravilhada dos atributos físicos das diferentes esculturas ou instalações das diferentes divindades na sua longa viagem pela China sem nunca deixar, no entanto, de concluir que se trata de uma grande barbaridade e cegueira. Deste modo, descreve-se a riqueza arquitectónica que delimita a ilha onde estão os jazigos dos reis da China sem se deixar de assinalar a cegueira que subjaz a esta forma de sagrado: “obra riquíssima em que os olhos tinham assaz que ver e em que se deleitar [...] de que esta gentildade nas suas histórias conta grande patranhas em abono da sua cegueira.” (MENDES PINTO, 1989, p. 258-259).

Eduardo Lourenço esclarece que é relevante considerar o “olhar inocente, mas objectivamente lúcido de Fernão Mendes Pinto [...] sobre o seu comportamento, seu e nosso, de portugueses no espaço imperial do Oriente”, mais do que “o imaginário olhar interiorizado do Outro” (1989, p. 1048). Com efeito, a descrição

pormenorizada que tira daquilo que observa e do qual tenta dar uma descrição fiel é atravessada ainda por outra interrogação subtil que aflora a sua consciência: a de afirmar que a nação portuguesa deveria lançar mão a esta riqueza/cegueira se para isso tivesse forças:

poderia ser que algum tempo permitisse Nosso Senhor que se achasse a nação portuguesa com tantas forças, e o espírito tão alevantado que lançasse mão desta informação para glória do Senhor, e que por estes meios humanos, ajudados do seu favor divino. (MENDES PINTO, 1989, p. 390)

Nos diferentes níveis de consciência que as suas interrogações levantam, parecem intercetar-se diferentes *verdades*: a verdade daquilo que vê e cuja experiência lhe oferece pontos de vista nunca antes imaginados – porque estando em interação direta com o outro não pode *fugir à verdade* da sua presença – e a *verdade* que trouxe como bagagem da pátria e que é permanentemente lembrada mesmo nas situações que a põem em causa. Quando, por exemplo, António de Faria apela à presença, à misericórdia de Deus para toda e qualquer ação da qual tira proveito, mesmo quando pratica atos no absoluto irrespeito do que tem em face de si. Ou seja, Deus é invocado em todas as circunstâncias, sejam elas a favor ou contrárias à doutrina cristã. Mas o que se revela verdadeiramente significativo é que essa consciência vem da própria palavra do Outro: quando António de Faria e os portugueses que o acompanham roubam uma *lantea*, cuja tripulação se fora reabastecer de água, o rapaz que ficara na embarcação, ao ouvir os portugueses invocar Deus, declara:

– Bendita seja, Senhor, a tua paciência, que sofre haver na terra gente que fale tão bem de ti e use tão pouco da tua lei, como estes miseráveis e cegos que cuidam que furto e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra. (MENDES PINTO, 1989, p. 183)

Esta resposta encerra a *prova* de que as ações de António de Faria são contrárias à fé cristã e uma ocasião de *provação* para várias consciências: a de António de Faria e do narrador que a ouvem, mas também a do próprio leitor que a lê que é colocado, em igual posição, perante as palavras e ações de António de Faria.

Podemos, então, entender o título *Peregrinação* em toda a sua complexidade. Mais do que uma longa viagem por terras desconhecidas, onde a noção de *alheio* e de *outro* se inscrevem, trata-se de uma peregrinação pelos meandros da sua consciência, como sugere Ana Paula Laborinho (2010/2011, p. 7). Daí o *olhar de dentro* de que fala Eduardo Lourenço se cruzar com o *olhar orgânico*, que sugere uma certa flexibilidade, pois move-se e vai-se construindo com o mundo no qual avança. As interrogações poderiam vir, assim, da própria consciência cristã, como

sugere Eduardo Lourenço, mais do que uma consciência revestida de uma dimensão distanciadamente crítica, como afirma Rebecca Catz. Desta maneira, a presença total do narrador não é a do pícaro nem a do cavaleiro, mas a do peregrino “para quem todos os lugares e todos os acontecimentos são – na sua realidade escrita – ocasião de prova e de provação.” (LOURENÇO, 1989, p. 1057).

Há, ainda, um elemento físico do corpo humano que remete para o sofrimento e para a provação marcadamente terrestre, através do mar, mas também espiritual, como acesso ao divino: trata-se da presença das lágrimas disseminada em toda a *Peregrinação*. Quer assumam o sentido de compaixão pelo outro ou pelo sofrimento próprio, o que se revela interessante é que elas são também atribuídas ao Outro. Aquando do encontro com Inês de Leiria, as lágrimas tornam-se um elemento de comunicação quando aliadas ao alto valor simbólico do sinal da cruz. Este encontro tem lugar aquando da viagem fluvial dos nove portugueses prisioneiros. Quando chegam à cidade de Sampitai, são rodeados pela população local e a cuja curiosidade respondem invocando a sua errância e tormenta pelo mar. É neste contexto que intervém uma mulher que ali se encontrava, Inês de Leiria, dizendo que é sabido que aqueles que muito labutam no mar aí costumam ficar sepultados e que Deus fez dos homens criaturas da terra para aí permanecerem e não arriscarem as suas vidas tão curtas em viagens tão longas. Esta intervenção significativa – cuja insignificância do homem é confrontada com a grandeza do mar – deixa subtender que o homem se serve do mar também para desafiar Deus, pois através dele ultrapassa a sua condição humana terrestre. Inês de Leiria mostra uma cruz que tem “esculpida com ferrete de mouro, muito bem feita”, no braço. À volta desta *prova* todos repetem, por entre gritos e lágrimas, uma oração a Deus. No entanto, o narrador esclarece que Inês de Leiria inicia a oração do Padre Nosso: “Padre Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome” na “linguagem portuguesa”, mas que volta logo a falar em chinês “como quem não sabia mais do português que estas palavras.” (MENDES PINTO, 1989, p. 316).

A singularidade da *Peregrinação* revela-se neste “enovelamento” de consciências, cujo, num registro aparentemente natural, o encontro de cristandade no outro lado do mundo desperta espanto, lágrimas e consolo. O poder messiânico da portugalidade e da sua fé cristã, nessa expansão através do mar, até se encontra *gravada* no próprio corpo do Outro, cuja civilização é tão diferente da pátria, como fica claro nas diferentes descrições da China. No entanto, é revelado também que, embora essa cruz esteja “gravada a ferrete”, da língua portuguesa apenas se conhecem duas frases. A contradição instaurada pelo narrador através de um juízo de valor – “como quem não sabia mais do português que estas palavras.” – revela, simultaneamente, a ambiguidade da missão católica no Oriente – estaria só

à superfície? – e a verdade das *tormentas* e sofrimentos daquela aventura que se define e reduz a um *mar de lágrimas*, afinal, o mais partilhado de todos os mares:

Ao que nós todos, em o vendo [o sinal da cruz], pondo os joelhos em terra com devido acatamento, e alguns com as lágrimas nos olhos, respondemos que sim [que o conheciam], a que ela [Inês de Leiria] dando um grito e levantando as mãos para o céu, disse alto: ‘– Padre Nosso que estás no céu...’ Quando ela isto ouviu e entendeu daqui que éramos cristãos, toda banhada em lágrimas se despediu da gente que ali estava. (MENDES PINTO, 1989, p. 316)

A *Peregrinação* é uma narrativa que descreve um olhar absoluto porque surge carregado de juízos de valor, de reflexões de índole moral, de pormenores de figuras, de tempos, de palavras, de paisagens desconhecidas que conduzem a descrição até ao extremo da contradição. A interrogação que assenta numa suposta falsidade ou veracidade dos seus relatos vem, provavelmente, de uma consciência que parece deslocada em relação à época em que foi produzida. A existência deste texto, como afirmou Eduardo Lourenço, viria da necessidade de esclarecer “a sua verdade”? (1989, p. 1057). Derivaria o poder desmistificador dos atos relacionados com a Expansão portuguesa apenas dessa necessidade? Não será esta uma desmistificação *a posteriori*, sabendo que as marcas do relato pessoal e da consciência individual que apresenta só o poderiam ser, plenamente, à luz de uma concepção moderna do texto literário?

Talvez uma parte da questão se resolva pelo *enovelamento* de diferentes pensamentos à volta daquilo que o texto foi despertando e que só poderão ser resolvidos através da legitimação em literatura e que, afinal, foi a primeira a ser levantada: até que ponto é um texto legítimo porque diz mentiras, porque diz verdades? A natureza da sua experiência no mar – o movimento e a incerteza que a caracterizam – provoca os movimentos infinitos desta narrativa aproximando-a do que a vida tem de misterioso e incerto: o relato de uma experiência humana, que vai cruzando olhares que desvendam e olhares que ocultam e, por isso mesmo, é como *experiência literária do mar* que se abre a todos os futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, João Maria. Inquérito. *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, ano XXX, n. 1050, p. 13, dez.-jan. 2010/2011.
- BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e Renascimento – Formas de ver e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.
- CARVALHO, Alberto. Mas este é o mundo da *Peregrinação*, segundo Fernão Mendes Pinto (caminhos do Oriente). In: SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (Org.). *O discurso literário da ‘Peregrinação’*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 11-26.

- CARVALHO, Célia. Acerca da autobiografia na *Peregrinação*. In: SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (Org.). *O discurso literário da 'Peregrinação'*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 27-59.
- CATZ, Rebecca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo, 1978.
- \_\_\_\_\_. Para uma compreensão da *Peregrinação*. In: *Fernão Mendes Pinto – Peregrinação & Cartas*, 2º vol. Lisboa: Edições Afrodite/Fernando Ribeiro de Mello, 1989, p. 1031-1046.
- CLÁUDIO, Mário. Inquérito. *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, ano XXX, nº 1050, p. 14, dez.-jan. 2010/2011.
- LABORINHO, Ana Paula. O Livro dos Fingimentos. *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, ano XXX, n. 1050, p. 7, dez.-jan. 2010/2011.
- LE GENTIL, Georges. *Fernão Mendes Pinto – Un précurseur de l'Exotisme au XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Hermann & C<sup>ie</sup> Éditeurs, 1947.
- LOUREIRO, Rui Manuel. Missão impossível: em busca das fontes da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. In: Virgínia Soares Pereira (Org.). *Fernão Mendes Pinto e a projeção de Portugal no mundo*. Ribeirão: Edições Húmus, 2013, p. 12-34.
- LOURENÇO, Eduardo. Fernão e os celestes impérios... In: MELLO, Fernando Ribeiro de (Org.). *Fernão Mendes Pinto – Peregrinação & Cartas*, 2º vol. Lisboa: Edições Afrodite/Fernando Ribeiro de Mello, 1989, p. 1047-1052.
- \_\_\_\_\_. *A Peregrinação e a crítica cultural indireta*. In: MELLO, Fernando Ribeiro de (Org.). *Fernão Mendes Pinto – Peregrinação & Cartas*, 2º vol. Lisboa: Edições Afrodite/Fernando Ribeiro de Mello, 1989, p. 1053-1062.
- MAIOR, Isabel Vila. O discurso direto como estratégia narrativa na *Peregrinação*. In: MENDES PINTO, Fernão. *Peregrinação*, v. 1 [edição princeps: 1614]. Lisboa: Edições Afrodite/Fernando Ribeiro de Mello, 1989.
- SARAIVA, José António. *F. Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial*. Lisboa: Jornal do Fôro, 1961.
- SEIXO, Maria Alzira. Rotas semânticas e narrativas da *Peregrinação*. In: SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (Org.). *O discurso literário da 'Peregrinação'*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 189-212.
- \_\_\_\_\_. Comentários críticos – *Peregrinação*: do texto da viagem ao texto do romance. In: \_\_\_\_\_. *Fernão Mendes Pinto – Peregrinação & Cartas*, 2º vol. Lisboa: Edições Afrodite/Fernando Ribeiro de Mello, 1989, p. 1063-1070.
- SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (Org.). *O discurso literário da 'Peregrinação'*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 95-118.
- ZURBACH, Christine. *Fernan Mendez Pinto. Comedia famosa en dos partes. Uma variação temática por Antonio Enríquez Gómez*. In: SEIXO, Maria Alzira; ZURBACH, Christine (Org.). *O discurso literário da 'Peregrinação'*. Lisboa: Cosmos, 1999, p. 143-167.

Recebido em 14.06.2017

Aceito em 14.12.2017